

M a r g a r i d a V i l a r e s

Encontros com a Vida



Encontros com a Vida

Margarida Vilares



letras d'  uro

**Título**

Encontros com a Vida

Autor

Margarida Vilares

Direitos Reservados

© Margarida Vilares

© Letras d'Ouro, editores, 2011

Editores

Letras d'Ouro, editores

Preparação do Original e Revisão

José Manuel Martins

Direcção de Arte e Design

Pedro Martins

Impressão e Acabamento

www.artipol.net

1ª Edição, Setembro de 2011

ISBN 978-989-8215-27-7

Depósito Legal 332742/11

Letras d'Ouro, editores

Sede Rua Quinta da Flamância,
n.º 3, 3.º Dt.º

Casal do Marco

2840-030 Paio Pires, Portugal

Tlm 914 847 055

Email livros@letrasdouro.com

Web www.letrasdouro.com

Blog letrasdouro.blogspot.com

FB facebook.com/letrasdouro

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com a indicação da fonte.

Todos os trechos bíblicos citados foram retirados da Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida — Edição Revista e Corrigida — Copyright das Sociedades Bíblicas Unidas 1968.

A autora não obterá qualquer benefício financeiro com a edição desta obra. O valor integral reverterá a favor do Instituto Novo Ser (IPSS — Instituição Particular de Solidariedade Social).

Dedicatória

Dedico este livro a todas as Mulheres.

Permito-me, especialmente, dedicá-lo:

Às mulheres da minha família e a uma delas muito em particular — a minha mãe. Olho para o horizonte e lembro-me dessa pessoa tão especial que está distante e penso que mesmo em universos separados encontro-a num local secreto chamado pensamento;

Às três valorosas mulheres (Cristina Alves*, Lurdes Coelho e Dília Pereira) que, com amabilidade, se disponibilizaram para contar os seus admiráveis e impressionantes testemunhos de vida;

À D. Maria Domingas, querida poetiza, que, apesar dos seus oitenta e um anos, continua a brindar-nos com poemas extraordinariamente belos;

Às lutadoras mulheres do grupo de assistentes da IVAD — Igreja Viva Assembleia de Deus;

E às mulheres fenomenais da AGLOW¹, cuja líder, Sarah Catarino, cordialmente, lhe escreveu o prefácio.

* Pseudónimo

1 AGLOW — é uma organização de mulheres cristãs que assenta sobre dois fundamentos: oração e evangelismo. Teve início em 1967, na cidade de Seattle, nos Estados Unidos da América, quando quatro mulheres cheias do amor de Deus e do desejo de partilhar a sua vida decidiram convidar outras e reunir-se todos os meses. Actualmente, a AGLOW abrange todo o Globo, alcançando mulheres de todas as raças, cores e culturas. Mais de 4.600 grupos locais reúnem-se periodicamente e 21.000 líderes ministram nas suas comunidades e nações a 17 milhões de pessoas, todos os anos. Em Portugal, a AGLOW começou a sua actividade em 1995 e a sua líder nacional é Sarah Catarino. www.aglowportugal.org

As Mulheres são extraordinárias!
«A mulher foi feita da costela do homem
Não dos pés para ser espezinhada
Nem da cabeça para ser superior
Mas sim do lado para ser igual
Debaixo do braço para ser protegida
E do lado do coração para ser amada.»²

2 Pensamento contido no livro Talmud, que é uma compilação onde se encontram condensados todos os depoimentos, leis, tradições judaicas e frases pronunciadas pelos Rabinos através dos tempos, baseadas na tradição oral e na Bíblia Judaica Tanakh (são os livros da Lei ou Tora).

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus a capacidade que me dá. Reconheço que sem a orientação do meu Senhor era impossível escrever uma única frase. Ao longo destes anos, pude constatar essa realidade e aprender a depender da sua direcção. Nem sempre tudo foi fácil. Foi necessário muito esforço, empenho e dedicação, mas sempre fiz tudo com enorme prazer. Ao fazer a leitura global e final do que escrevi, surpreendi-me com o resultado e fiquei maravilhada. Não foi para fazer de mim alguém grandioso aos olhos das pessoas que Ele me chamou, mas para fazer um trabalho grandioso para Ele.

Agradeço, em segundo lugar, ao João, meu marido, companheiro e amigo ao longo de tantos anos, e aos nossos filhos, os nossos tesouros, Sofia e Gonçalo, a compreensão que sempre demonstraram ao abdicarem de todo o tempo que lhes pertencia.

Agradeço, também, aos pastores da IVAD — Igreja Viva Assembleia de Deus com os quais muito tenho aprendido da Palavra de Deus, principalmente ao Pr. Carlos Palmeiro que se disponibilizou para ler e comentar os textos, os quais englobam muitos conteúdos doutrinários recolhidos das suas pregações.

Agradeço, finalmente, à Letras d'Ouro a preciosa colaboração, dedicação e empenho na realização do trabalho editorial desta obra.

Prefácio

Quando leio algo escrito por outra pessoa, não há como não imaginar a paixão, a emoção, a intensidade de sentimentos que foram colocadas nas palavras que se alinham no papel e que nem sempre conseguem transmitir tudo o que se viveu e experimentou.

Estas são histórias vividas por outros, mas sentidas pela autora. Com sensibilidade, conhecimento e um sentido profundo de propósito, foi juntando nas palavras a experiência, o drama, a alegria da vitória, o consolo de Deus na vida dos intervenientes.

Se me fosse possível dar um conselho aos leitores desta obra, dir-lhes-ia que o fizessem com um sentido de profunda reverência e reflexão, pois aqueles que aqui dão o seu testemunho escancararam a sua alma, as suas casas e vidas de maneira que alguém pudesse lucrar com a sua experiência e, quem sabe, passar da escuridão da sua existência à luz do amor de Deus.

À minha amiga, que mais uma vez se atreveu a deixar os seus medos e a enfrentar o desconhecido do trajecto de um livro, deixo uma palavra de elogio e de incentivo, para que continue a mudar o mundo ao seu redor com o poder da palavra escrita, mas acima de tudo com a força do sentimento com que escreve.

Bem-hajam!

Sarah Catarino

Introdução

Após o lançamento do livro *Tesouros Desconhecidos*, em Abril de 2007, muitas pessoas entusiasmadas pelo acontecimento perguntavam-me:

— Quando sai o próximo?

Respondia sempre que não sabia se iria escrever outro livro...

Qual o tema a abordar?! *Tesouros Desconhecidos* surgira como... um filho não planeado. Surgiu da necessidade que senti de transmitir à minha família a alegria e o prazer que experimentei ao ter descoberto uma enormíssima preciosidade, um tesouro do qual eu sempre tivera conhecimento que existia, mas que nunca me fora revelado integralmente. Comparando esse tesouro a uma bola de futebol cheia de água, até então apenas fora-me ensinado desse conteúdo a quantidade de uma colher de café! Para além disso, eu não tenho formação académica na área literária e o livro tornou-se realidade porque Deus capacitou-me para escrevê-lo. Perante a minha incerteza, as amáveis pessoas incentivavam-me para fazê-lo e uma delas disse-me: «Deus não chama capacitados, mas capacita os chamados».

O tempo foi passando, pensei em vários temas possíveis, mas nenhum era relevante! Alguns meses depois, quando esses pensamentos já não eram tão intensos e frequentes, encontrava-me compenetrada no meu trabalho quando, subitamente, surgiu no meu pensamento a palavra «testemunhos».

Testemunhos!

Soou-me bem. Sorri e fiquei a olhar o infinito com os olhos fixos no ecrã do computador. Uma sensação aprazível e inexplicável invadiu o meu ser, mas não comentei o facto, nem com o meu marido, quando cheguei a casa. Alguns dias depois, uma senhora veio ter comigo e disse-me:

— Estive a pensar num tema para a Margarida escrever: testemunhos! As pessoas gostam de ler sobre esse assunto.

Foi a confirmação. Constatei que realmente Deus queria usar-me novamente na área literária. Sem precipitar-me, fiquei à espera que algo miraculoso acontecesse do qual eu fosse testemunha ocular, para relatá-lo. Meses depois, um jovem casal passou a frequentar a igreja onde me congrego e, um dia, a esposa veio ao meu encontro e disse-me:

— Ofereceram-me o seu livro, já comecei a lê-lo e estou a gostar muito. Sabe, eu também gostava de escrever um... Comecei por escrever algumas páginas, mas não consegui... É muito difícil... Começo a chorar...

E, sem eu perguntar, em traços largos contou-me a sua comovente história de vida.

— Mas é isso que preciso para o próximo livro! — disse com alegria e emoção.

Como irão constatar, não foi fácil descrever o testemunho da Cristina Alves por ser uma área muito pessoal, a intimidade de alguém cujo sofrimento imensurável teve início na infância. Admiro o seu coração doce que, apesar da desmedida dor que sofreu a todos os níveis — físico, emocional e psicológico — ao longo de infindáveis anos, não guardou ressentimento nem amargura, é uma pessoa muito meiga, querida e corajosa.

Depois de ter escrito o primeiro testemunho, fiquei novamente à espera que Deus agisse da mesma forma e que acontecesse algo semelhante! Esperei... Mas... Então recordei-me que, há algum tempo atrás, já duas pessoas haviam-me relatado também espontaneamente os seus impressionantes testemunhos.

— Meu Deus! — exclamei. — É admirável a tua forma harmoniosa e imaginativa de agir. Como todas as peças do *puzzle* se encaixam. Preparaste tudo antecipadamente para mim. Na realidade, eu apenas preciso estar atenta e sintonizada contigo para aperceber-me da tua vontade para a minha vida!

Em Junho de 2009 comecei a escrever o segundo testemunho, o qual defino-o através de um provérbio: «Longo é o caminho do ensino através de teorias, breve e eficaz através de exemplos.»

A D. Lurdes é um exemplo de mulher, mãe e esposa. Defino-a como mãe coragem, mulher sábia, perseverante, optimista e de convicções bem alicerçadas na Palavra de Deus. Sinto um carinho muito especial por ela. Com toda a certeza caro/a leitor/a não ficará indiferente a este testemunho singular e extraordinário!

O terceiro testemunho é impressionante porque aborda um assunto... mas, inocentemente, muito procurado pela sociedade em geral. Dília, buscando, ansiosamente, uma solução para a sua atribulada e complicada vida, deparou-se com um engano subtil que quase a levou à morte. Conheceu de perto o que está por detrás do ocultismo, porém a sua maior experiência foi ser profundamente transformada ao ser arrancada do engano das trevas para a verdadeira Luz.

Querida Dília, jamais esquecerei o dia em que veio com o seu marido (entretanto e prematuramente falecido), entregar-me o manuscrito, felizes e radiantes, após tê-lo lido. Nunca se esqueça de que ninguém morre quando mora no coração de alguém.

De notar que a transcrição destes relatos foi fiel aos factos narrados pelas depoentes, mas integram a minha colaboração e investigação quanto à fundamentação doutrinária, teológica e citações de autores e textos.

O quarto testemunho é o depoimento de coisas simples que ocorreram na minha vida, mas não por acaso! Tal como as formigas, que são seres simples e pequenos, as coisas simples e pequenas podem ensinar-nos grandes lições de vida. Por vezes, «as palavras são anões, os exemplos são gigantes», como diz o provérbio suíço.

A sinopse está completa. Sugiro ao/à caro/a leitor/a sentar-se numa posição cómoda e preparar-se emocionalmente porque o seu coração não ficará indiferente. Estes testemunhos levá-lo-ão a reflectir e quem sabe se levá-lo-ão também a ter um *Encontro com a Vida!*

Sugiro ainda que leia sempre as notas de rodapé que, por vezes, são o complemento da ideia explanada.

Todas as portas fechadas, uma janela aberta

«A arte da vida consiste em fazer da vida uma obra de arte.» Gandhi

Sou a Cristina Alves e nasci em Angola, em 1976. Quando tinha dois anos de idade, os meus pais retornaram para Portugal devido à instabilidade e insegurança que se vivia à época naquele belo país africano.

Para os meus pais, com três filhos para sustentar, sem emprego e sem haveres, a vida tornara-se muito difícil. A minha mãe viu-se obrigada a mendigar. O meu pai encontrava-se traumatizado pela guerra e desgostoso pelo novo cenário com o qual se deparara e não sabia como lidar... Desesperado, entregou-se à bebida, tornando-se um alcoólico muito violento.

A partir daí, a minha infância passou a ser muito triste e infeliz porque a violência doméstica, que era constante diariamente, agravando-se a cada dia, tornou-se uma tortura. Numa noite de Inverno, estava já a dormir, o meu pai puxou-me violentamente pelos cabelos, bateu-me e meteu-me na banheira com água fria alegando que eu divulgara aos vizinhos o que se havia passado em casa, apesar disso ser apenas imaginação dele.

A minha irmã mais velha, filha do meu pai e da sua primeira esposa, começou a ser torturada de outra forma. Fechava-se com ela num compartimento, ouvíamos gritos horríveis e estridentes... Algo de muito estranho se passava e a minha mãe sabia, admitia, mas não se opunha pois morria de medo da retaliação...

Numa noite de Verão, o meu pai apareceu no nosso quarto e presenciei a minha irmã a ser violada. Nem queria acreditar no que via, o horror e o pavor que senti emudeceu-me. Fingi que dormia, mas os meus olhos encheram-se de lágrimas clandestinas.

A minha irmã denunciou o caso à Polícia, mas não acreditaram... os tempos eram outros... era um problema familiar... os vizinhos também sabiam mas ninguém ousava fazer algo para terminar aquele terror. A minha irmã saturou-se, fugiu de casa e só muitos anos mais tarde voltamos a encontrá-la.

Alguns dias depois, cheguei um pouco mais tarde a casa. Na escola, fizera um teste de avaliação, que demorara um pouco mais, e perdi o autocarro. Anoitecera, chovia e o frio fazia sentir-se. Estava apavorada e as minhas pernas tremiam como gelatina pois previa o que me aguardava... O meu pai esperava-me, na varanda, desnortado, como um louco, porque faltava-lhe a bebida e ansiava que fosse eu comprá-la como era habitual. Sem perguntar-me o motivo, bateu-me até ficar saciado, pôs-me na rua e fechou a porta.

Subitamente, apercebi-me que ele procurava um «bom motivo» para violar-me também; então, não pensei duas vezes, esta era uma boa razão para também fugir daquele pânico diário!

Mas... para onde ir?

Envolta em lágrimas e numa enorme tristeza, que fazia doer-me a alma, vagueei um pouco sem sentido. Quando me acalmei um pouco, ocorreu-me procurar uma colega da escola, cuja mãe estava a par da minha situação familiar. Ela era uma pessoa de coração compassivo, amável, generosa e corajosa. Sensibilizada por todo o sofrimento, pelo qual eu estava a passar, «tomou-me pela mão como se tomasse uma filha amada», acolheu-me amorosamente sem nada temer, apesar de saber o risco que corria...

Foi a primeira vez que constatei uma família onde reinava a harmonia, não havia gritos nem discussões, havia fraternidade, carinho, compreensão e amor. Não sabia que existiam famílias assim! Parecia que estava a viver um sonho...

Mas...

Um dia a Polícia bateu à porta. Fiquei apavoradíssima. Provavelmente seria o meu fim... A dona da casa, porém, impediu que entrassem pois não traziam um mandado judicial e, para nossa surpresa, o caso ficou por ali.

No meu coração de menina humilde e meiga, onde, apesar de todo o sofrimento, não havia revolta, agradei imenso a Deus por ter-me livrado daquele horrível pesadelo.

Após um mês, a mãe da minha colega disse-me que era injusto a minha mãe e o meu irmão mais novo continuarem naquele inferno... Então planeamos a fuga deles também... A minha mãe colocou um comprimido (anseolítico) na bebida do meu pai para ele adormecer profundamente.

A reacção do meu pai desta vez foi surpreendente. Contrariando o medo expectante que todos sentíamos, não nos procurou. Penso que reflectiu, sofreu imenso e mentalizou-se que nos havia perdido. Mas todos os dias vivíamos em constante sobressalto, ansiedade e insegurança, como numa cidade medieval sem muralhas, imaginando que podia bater-nos à porta a cada momento... Felizmente, isso não aconteceu.

O tempo foi passando. A minha mãe, outrora tão sofrida e arrasada, podia agora estabilizar-se emocionalmente, só que, entretanto, conheceu um homem e decidiu viver com ele. As suas atitudes pareciam de uma adolescente inconsciente. Desiludiu-me imenso! Muros de separação e mágoa começaram a ser construídos e a nossa

relação começou a distanciar-se. Este homem revelou-se pior que o meu pai, porém, ela aceitava tudo com naturalidade...

Eu contava já dezasseis anos, tinha o meu trabalho, era independente, ninguém me controlava, mas também ninguém me orientava. Estava entregue a mim própria, pensando que já era adulta o suficiente para saber orientar a minha vida. Apenas sonhava com um projecto de vida não muito ambicioso, de um dia casar com um homem carinhoso, ter filhos e ser feliz.

Certo dia, a paixão bateu-me à porta. Conheci um homem treze anos mais velho do que eu e apaixonamo-nos! Apesar de ter-me dito que era toxicodependente em recuperação, o amor de jovem inexperiente e apaixonada falou mais alto; não valorizei o facto, confiei na sua palavra e decidimos viver juntos. Ele usufruía de um ordenado razoável e, juntando o meu ao dele, vivíamos folgados. Mas, progressivamente, apesar de eu ser muito poupada, as nossas economias começaram a não chegar até ao final do mês! Confiando, sem reservas, no meu companheiro, não controlava os seus gastos.

Fiquei apreensiva e um pouco assustada, será que... Meu Deus! Por favor, não...

Dias depois, encontrei uma seringa lá em casa e foi como se o mundo desabasse aos meus pés. Entreguei a minha inocência à realidade. Ele tivera uma recaída e eu encontrava-me grávida. A família dele incentivou-me a abortar, alegando que não confiavam que algum dia ele se recuperasse, pois aquela instabilidade já existia desde os treze anos de idade e, assim, nunca seria um pai responsável e exemplar. Mas eu fui firme nas minhas convicções, apesar de jovem ingénua e inocente. Preferi ficar «sozinha» naquela batalha, pois o meu maior desejo era amar aquela criança como eu nunca fora.

Gradualmente, o meu companheiro foi perdendo o respeito por mim e começou a injectar-se à minha frente. Não demorou muito tempo e a minha casa tornou-se num antro deplorável, num constante movimento de pessoas que iam para lá injectar-se também.

Sentia-me a pessoa mais infeliz do mundo. O meu projecto de vida afundava-se, vertiginosamente! Deixei de sentir-me protegida e amada por ele, porque agora o seu pensamento focalizava-se apenas no modo de conseguir droga. Cessara o apoio da família dele porque não satisfizera a sua vontade. Perdera a ligação com a minha família directa. E a nossa situação financeira piorava dia após dia. Podia ter reagido firmemente, ir-me embora, mas para onde? Todas as portas estavam fechadas. Já nada mais valia a pena. E tal como diz o provérbio: «Se não consegues vencê-los junta-te a eles...» Assim fiz. Não resisti e, ainda grávida, experimentei também... Esse foi o maior disparate que fiz, desde que nascera, pois do experimentar a droga ao consumo compulsivo foi um instante! Apercebendo-me em que horrível situação estava a envolver-me, afirmei:

— Hoje não vou fazer isto.

Mas... não consegui! O meu corpo era acometido de dores insuportáveis e horríveis, provocadas pela ausência dos estupeficientes, que forçavam a injectar-me novamente, não cumprindo assim a decisão que tomara. Entreguei a minha liberdade ao vício e a minha vida ao desespero e ao fracasso... Pois em pouco tempo deixamos de pagar a renda de casa, vendemos todos os nossos haveres para saciarmos aquele vício e consumo irresistíveis e fomos viver para casa da mãe dele.

Esse vício indecoroso passou a controlar a nossa vida, abalou profundamente as raízes do nosso ser, perturbou por completo a

nossa capacidade de pensar e decidir. A decadência foi tão abrupta que perdemos todos os valores morais, o amor-próprio, a vergonha, a dignidade por nós e a responsabilidade para com os outros. Não tinha condições físicas, mentais e psicológicas para tratar da minha filha, apesar de amá-la e de ter consciência de que estava a ser uma mãe irresponsável. Desleixei-me completamente e quem tratava dela, com carinho, era a avó paterna.

Com perícia, passamos a roubar pequenas coisas para vender. Nunca pensara descer tão baixo! Aquele comportamento não me agradava, mas não tinha alternativa. A única coisa que me preocupava a sério era conseguir um pouco mais de droga para evitar ter os horrorosos sintomas da privação das substâncias estupefacientes (ressaca): intensas dores musculares, lombares e abdominais, náuseas, diarreia, agitação, ansiedade, suores, calafrios, insónia, etc. Era terrível!

Surgiu a oportunidade de ingressarmos num programa de reabilitação numa Comunidade Terapêutica, um centro de recuperação de toxicodependentes, no norte do país, mas só permanecemos lá três dias.

Um casal vizinho convidou-nos a visitar o Café-Convívio,³ onde fomos algumas vezes. Ouvimos mensagens que dignificam a pessoa humana, estimulam a esperança e um estilo de vida saudável, consistindo na convicção de que Jesus é a cura total para o homem.

3 Os **Cafés-Convívio** são dirigidos pelas Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus e são locais de atendimento gratuito e informal no combate à toxicodependência e ao alcoolismo, com propostas de recuperação e apoio às respectivas famílias, em colaboração com a instituição «Desafio Jovem», fundada nos Estados Unidos da América, em 1958, por David Wilkerson. Após cinquenta anos, está espalhada por todo o Globo. Em Portugal, surgiu em 1978, por iniciativa das Igrejas Evangélicas e pela mão do Pastor Lucas da Silva, em cooperação com a Cruz Vermelha Portuguesa. As estatísticas colocam o Desafio Jovem como o programa de reabilitação com o maior índice de sucesso: 76-80% dos indivíduos deixam os consumos e são inseridos na vida activa da sociedade.

Eu acreditava em Deus, cuja existência constatava através da natureza. Penso que a natureza é a testemunha por excelência do Criador! Sinfonia de vida e arte, tão bela, harmoniosa, perfeita! Só não vê quem está «cego espiritualmente»...

Mas o perdão que Ele me propunha não era para mim. Considerava impossível Ele perdoar-me e ajudar-me pois eu fizera coisas tão horríveis e sentia-me tão culpada que não era merecedora de todo aquele amor e misericórdia. Pensava eu... Também estava cega. Mesmo assim, não sabendo bem o que estava fazendo, o que significava, nem o alcance que viria a ter esta minha decisão, acabei por aceitar Jesus no meu coração, como único e suficiente Salvador,⁴ porque o que me disseram acerca d'Ele sensibilizou-me.

Mas as minhas atitudes não mudaram e, por muito boa vontade que a avó da minha filha tivesse, começou a saturar-se daquela situação. Após uma acesa discussão, pôs-me na rua e fechou-me a porta. Chovia imenso.

Não tinha ninguém a quem recorrer, inclusivamente o meu companheiro perdera o interesse por mim. Mas não me assustou o facto de estar na rua, de ter frio e fome, ou até de ter perdido a minha filha. A única coisa que me apavorava era como e onde arranjar dinheiro para adquirir a droga de que necessitava.

Restava-me ainda a beleza de uma jovem de dezoito anos, esbelta, atraente, de longos cabelos pretos...

Comecei a prostituir-me e foi a decadência total. Fui violada com brutalidade algumas vezes e ameaçada de morte. Passei por

4 Sugestão de Leitura: *Tesouros Desconhecidos*, capítulo três (Margarida Vilares, Abril de 2007, Letras d'Ouro).

situações tão dolorosas que apenas quem passa por elas consegue avaliar o respectivo terrível sofrimento. As palavras não exprimem o que sentimos.

Durante os cinco anos em que vivi na rua, dormi onde se proporcionava, principalmente em prédios devolutos, num dos quais coabitei com pombos. Alimentava-me apenas quando alguém, caridosamente, me pagava algo para comer; nunca comprei um único pão pois achava que era desperdício gastar dinheiro em alimentação. Tomar banho e trocar de roupa só o fazia quando a que trazia vestida exalava um odor insuportável! Então, para esse efeito, dirigia-me a um centro de apoio a toxicodependentes no Casal Ventoso.

Os dias sabiam a nada!

Convidaram-me, novamente, a ir para um centro de desintoxicação de substâncias psico-activas, desta vez em Espanha, donde fugi, após dois ou três dias, apesar de ser bem tratada. O pretexto que dei a mim própria foi o facto de não conhecer ninguém e de não entender o castelhano.

Um dia, caminhava na rua, ao lado de um rapaz que se encontrava na mesma situação de desespero. Confessou-me que ia suicidar-se pois já não aguentava mais aquela vida. Encorajei-o a não ter tal atitude pois ainda havia esperança para nós, que acreditasse que era possível! Atrás de nós caminhava uma freira (Ir. Teresinha Araújo) que, ouvindo aquelas palavras de ânimo, veio ter comigo, com um lindo sorriso. Disse-me que gostara muito da minha atitude, que eu era uma pessoa muito especial e convidou-me a ir ao colégio onde habitava. Alimentou-me, aconselhou-me, dormi lá alguns dias. Este nosso encontro marcou as páginas da minha vida! Hoje ainda trocamos correspondência pois, algum tempo após, ela foi viver para o Porto.

Frequentemente, também passavam pessoas que encorajavam-me dizendo: «podes mudar de vida, basta queres, Jesus ama-te, Ele tem um plano para a tua vida». Mas era tudo tão vago...

Noutra ocasião, dormia nas escadas de uma Igreja Evangélica, numa altura em que chegara ao limite da resistência que o meu corpo podia aguentar. Quando muita gente, olhando para mim e vendo-me cheia de feridas infectadas, dizia «ai que nojo», duas senhoras, muito simpáticas, movidas por plena compaixão e amor sobrenatural, pegaram em mim, quase ao colo, levaram-me para uma salinha, ungiram todo o meu corpo com óleo e oraram imenso tempo, impondo-me as mãos na cabeça, tal como a Bíblia ensina.

Por fim, cheguei a um estado de degradação tão elevado que parecia um esqueleto envolto em pele, cambaleando. O Inverno aproximara-se lentamente e o frio já fazia sentir-se. Naquele dia, encontrando-me muito cansada, sentei-me numa paragem de autocarro. Não pensei em drogar-me; apenas queria um sítio quentinho o mais urgentemente possível ou... morria! Entrei no primeiro autocarro que apareceu. Deixei-me andar às voltas pela cidade e saí numa paragem qualquer... Fiquei perto do Hospital de Santa Maria e desfaleci.

Internaram-me e medicaram-me de forma a não sentir o efeito da ausência das drogas, a síndrome de carência que provoca sensação de mal-estar psíquico e físico, após suspensão do consumo de estupefacientes. Estive cinco ou seis dias consecutivos a dormir. Quando acordei e soube... foi o dia mais feliz da vida que vivera até então! Saber que decorreram tantos dias sem injectar-me, que o pior já passara, que não sofrera as horríveis dores da abstinência as quais eram impedimento para largar as drogas... Meu Deus, que

maravilhoso, nem tinha palavras para agradecer, nem para exprimir o quanto me sentia feliz!

Mas a felicidade era momentânea pois as más decisões sempre trazem consequências...

Muito carinhosamente, o médico informou-me que, para entrar em fase de desintoxicação, era fundamental e essencial que eu colaborasse, que tivesse muita força de vontade e ânimo, pois o meu estado de saúde era gravíssimo. Havia feito análises ao sangue e o quadro clínico era negríssimo. Foram-me diagnosticadas várias doenças, entre elas a toxoplasmose (por ter coabitado tanto tempo com os pombos e seus excrementos), sífilis, hepatite C, Tuberculose, HIV 1 e HIV 2 (com uma carga viral de alguns milhares por mililitro de sangue). Padecia de tantas doenças que os médicos não tinham esperança que sobrevivesse. Não acreditavam que o meu frágil organismo aguentasse os tratamentos. A separar a vida e a morte não havia sequer a espessura de uma folha de papel!

Senti-me escorregar para um abismo, tal como tivesse caído desamparada num poço de ínfima profundidade e tivesse batido no fundo seco. Tornava-se impossível suportar o insuportável. O desespero e a angústia sufocantes invadiram-me tão profundamente que ninguém, por mais que tente compreender, consegue avaliar a vivência daquele terrível momento. Chorei até sentir-me exausta.

Precisava urgentemente de um milagre...

Milagre? Quem faz milagres? Somente Deus podia fazê-lo, o Deus Todo-poderoso, de quem me falaram no Café-Convívio, cheio de amor, expresso na pessoa de Jesus, que pensei não ser para mim, podia ajudar-me! Ele era o meu único socorro no meio desta grandiosa aflição. Se todas as portas estavam fechadas, unicamente esse Pai misericordioso podia abrir uma janela! Então, naquela cama

de hospital, tive a minha primeira grande conversa com Ele. Reconheci que a minha vida estava vazia, recheada de nada... Disse-lhe que me arrependia dos meus maus caminhos, que chegara a hora de deitar fora da minha vida tudo o que não lhe agradava, pedi-lhe que me livrasse da morte e prometi-lhe que, se me ajudasse, nunca mais me drogaria nem faria mal ao meu corpo. Tinha chegado a hora de assumir um compromisso sério com Deus, de entregar-lhe a minha vida para que fosse Ele a guiá-la pois eu não era capaz.⁵

Surpreendentemente, no árido deserto em que se havia tornado, a minha vida começou a brotar água fresca! Como uma pequenina nascente borbulhando, borbulhando e escorrendo suavemente, refrescando-me e alimentando-me...

Uma semana depois, mexia-me, energicamente, pelos corredores oferecendo às queridas enfermeiras colaboração para fazer as camas. Era uma forma de gratidão pois elas eram tão carinhosas e meigas comigo! Davam-me apoio e correcção quando era necessário. Eram a mãe afectuosa que nunca tivera... Foi a segunda vez que experimentei a excelente sensação de alguém investindo na minha vida. Sentia-me amada, protegida e feliz. O amor que elas me transmitiam era muito especial, sobrenatural! Havia um agradável perfume naqueles corações singulares.

Decorreu um mês e meio de internamento, era véspera de Natal. Depois de muitas recomendações, a equipa médica deixou-me sair para passar a Quadra Natalícia em casa da minha mãe. Ansiava, ardentemente, restaurar o meu relacionamento afectivo com ela. A meio do caminho, estava desejosíssima por contar-lhe

5 «Não temas porque a tua oração foi ouvida» (Lucas 1:13).

que largara as drogas, que me sentia bem fisicamente apesar de me encontrar ainda em recuperação no hospital, que agora era tempo de lutar e recomeçar uma nova vida! Não resisti e telefonei-lhe... mas quando pedi permissão para ir lá a casa...

— Não.

Foi a resposta que ouvi do outro lado. Um não desprovido de compaixão, tão frio e seco, que ainda hoje me gela a alma, enchendo-me de profunda tristeza. Atravessava um período delicadíssimo da minha vida, precisava de amor, carinho, compreensão e ajuda e o que recebi da minha mãe foi desprezo e total indiferença. O território da emoção foi abalado com tal intensidade como um sismo em elevado grau. A dor mais aguda é causada pelas pessoas que mais amamos! Será esta uma porta fechada definitivamente?

Envolta em lágrimas, com um enorme vazio no coração, rejeitada, amargurada e profundamente triste, podia... mas regressei ao hospital. As enfermeiras nem queriam acreditar na reacção que a minha mãe tivera! Ficaram estupefactas, atónitas, tão sensibilizadas que reagiram com uma atitude interior que não se expressa por palavras. Choraram comigo, dando-me tantos afectos que, ainda hoje, sinto os seus braços de amor envolvendo o meu corpo.

Precisava de aprender a lidar com as frustrações, não recuando na promessa que fizera a Deus. Tinha que ser perseverante, não podia deixar-me cegar pelo desapontamento, pois este anularia a minha esperança. Não podia fazer dos obstáculos barreiras intransponíveis nem das decepções um mar de sofrimento. «O mais importante na vida não é a situação em que nos encontramos, mas a direcção para a qual nos movemos.»⁶

“Se me fosse possível dar um conselho aos leitores desta obra, dir-lhes-ia que o fizessem com um sentido de profunda reverência e reflexão, pois aqueles que aqui dão o seu testemunho escancararam a sua alma, as suas casas e vidas de maneira que alguém pudesse lucrar com a sua experiência e, quem sabe, passar da escuridão da sua existência à luz do amor de Deus.

Sarah Catarino

letras d'ouro

ISBN 978-989-8215-27-7



9 789898 215277